

88.10.24.238

Porto, 22 de julho de 1888



Proprietários: Sá d'Albergaria & C.º

Illustradores: E. Menezes e A. Nunes

ASSIGNATURA

3 mezes	750 réis
Avulso no proprio dia	10 >
Fóra do dia	40 >

Escriptorio da redacção — Rua da Madeira, 66 a 72 (esquina da Batalla), Porto.

Redactor: Sá d'Albergaria

PÚBLICACÕES

Annuncios e comunicados, com ilustrações desenho (gratis), cada linha.	40 >
Sen illustracções	30 >
Reclamos	100 >
Artigos e caricaturas enviados á redacção, sejam ou não publicados, não se devolvem.	



S. M. A RAINHA D. MARIA PIA



O PALITO

RAZÕES DO TÍTULO

Ha tres dias successivos que a nossa creada vae ás compras e traz sempre o arroz embrulhado em papel pardo...

E nós de cada vez mais impressionados pela maneira como o tendeiro lhe dá o arroz...



Esta abundancia de papel pardo nas tendas faz-nos crer que ha falta de jornaes... para os tendeiros pelo menos.

E d'ahi a ideia de publicar um.

Um jornal que embrulhe as idéas de uma vasta população e o arroz que essa população ha de comer.

Ha nada mais patriotico, mais humanitario, mais util?

De certo não ha!

E desafiamos o mais pintado para que nos venha dizer o contrario.



Possuidos, pois, da grande conveniencia de publicar um jornal util e agradavel — tão agradavel que de que fazer aos typographos e tão util que substitua o papel pardo nas tendas — restava só uma coisa:

Achar um *título*.

Um *título*!

Nada mais facil e tambem nada mais difficult.

N'uma terra em que ha titulos para toda a gente que os quer e em que muita gente pede a Deus Nosso Senhor que ninguem se lembre de a fazer titular;

N'uma terra em que basta dar um sino a uma freguezia, para logo um homem ser *visconde do badalho*;



N'uma terra, enfim, em que ha titulos para todos e para tudo — desde os titulos *Herzen*, que não são maus, até aos titulos da *divida publica*, que tambem são muito bons, e por isso se diz uma terra por tantos titulos gloriosa, nada mais facil do que achar um *título*.



Bastava abrir a boca e ali tinhamos logo um — e bem bonito por signal — *O Bocejo*.



Mas... — tudo n'este mundo tem *mas* — a grande dificuldade estava em achar um *título* que assentasse com justezas no *intitulado*...

Os governos ás vezes não pensam n'isso e dão titulos a esmo, quer assentem bem, quer assentem mal.

Porém, nós que não somos *governo* e que, até por isso, não falta queiu nos chame *desgovernado*, não podíamos fazer o mesmo.

Entrámos por isso a matutar no *título*.

Este jornal, dizíamos, deve ser um jornal extraordinario — tão extraordinario que se publicará justamente todos os dias em que ha jornaes ordinarios.

Precisa por isso ter um *título* que se assemelhe um pouco á voz de Deus tronando omnipotente sobre as fraquezas da humanidade...

E lembrou-nos logo



— *O Trovão*.

Este bello *título* tinha a conveniencia de se impôr ao respeito publico, despertando ao mesmo tempo o sentimento religioso adormecido no coração dos peccadores, porque não faltaria quem gritasse commovido, ao ouvir-o pregar:

— *Santa Barbara! S. Jeronymo!*

Mas para esta trovoada de todas as tardes faltavam-nos os relâmpagos.

Depois, havia o grande perigo da humanidade assustada, e desprevenida de para-raios se fechar em casa a sete chaves e deixar passar a trovoada sem a appetecida chuva de vintens.

E as *trovoadas secas* são as piores.

Nada, busquemos outro *título*.

Ao cabo de alguns minutos de reflexão exclamámos:

— Cá está outro.

— *A Bofetada...*



Este sim, que symbolisa a humildade christã e a cara de varios homens publicos!

Todos os dias os nossos confrades da imprensa gritam que a vergonha está perdida e que o mundo está uma desgraça.

Pois bem; accudâmos ao mundo, façâmos subir a vergonha ao rosto dos desvergonhados...

— Seja *A Bofetada...*



... Mas quem as dá paga-as, e quem as leva fica-se rindo, e para isso é que nós não estamos.

Nada, fujamos do Aljube, não incomodemos o João Branco.



Posta de parte a *bofetada*, com receio da polícia, claro está que não podíamos pensar no *Ponta-pé*



como processo efficaz de correcção de costumes.

Mesmo porque quem não tem pé não pode dar couce...

E nós decididamente não temos pé para essas coisas... que deixamos á discreção dos que o tenham...

Além d'isso, o mundo não se endireita, segundo a sabia affirmativa de Rosalino, e o melhor é aceitar o mundo torto como é, procurando rir



com elle dos aleijões que affinal de contas o endireitam, porque sem elles, esta caranguejola sublunar tombava-se com toda a certeza.

Misteriosas leis do equilibrio, que não trataremos de aprofundar agora aqui...

E pedimos ao leitor que também não pense n'isso, se faz obsequio, porque, emfim, pensar em certas coisas é o mesmo que não pensar em coisas alguma.

Moderados, pois, os nossos primeiros impelos e tourados de um sentimento de brandura que cendiz perfeitamente com a nossa índole alegremente bonacheirona e inofensiva, entramos de procurar um *título* que exprimisse a idéa que temos de crear um jornal que seu ser de primeira necessidade, seja todavia de alguma utilidade;

Um jornal que longe de ser um censor severo, seja um palestrador amigavel;



Que em vez de fazer distillar lagrimas como punhos, faça desabrochar sorrisos como bojos de rosa que abrem ao sol da primavera;

Um jornal que esteja para a imprensa grave, austera e faciturna de todos os dias — como para a palestra amigavel da sobremesa está o *pali-*

O Palito!

É isso, achámos o *título*!

Depois da larga e pesada refeição da imprensa séria, o *Palito* alegre, cavaqueador inoffensivo, que vai ao mesmo tempo distraindo e *limpando*, escabichando aqui, escabichando além; ora passando de um para outro canto da boca, ora tirando a pequena febra teimosa de um assunto interessante, d'entre os dentes da Opinião Pública — essa excellentissima senhora do nosso mais profundo respeito e acatamento — é o que convém.

O Palito! Sim, o nosso jornal será esse pequeno instrumento em apparencia futil, mas sempre indispensavel, do qual ninguem se lembra ao principiar a sopa, mas que todos procuram á sôbrema.

Palitando com cuidado e moderção, trabalhando por ser util e agradavel, aliviando os dentes dos convivas d'este farto banquete de acontecimentos, *O Palito* não responde todavia por alguma dor ligeira que provoque ao encontrar dente cariado sempre sensivel a escabichadella...



Em tal caso, o paciente fará uma ligeira careta e passará o *Palito* para outro lado, ou atirá-lo para fora. Como quizer.



Espetando subtil e delicadamente na imprensa os acontecimentos, como à mesa espeta uma azeitona ou um morango appetitoso, o *Palito* não invadirá as atribuições do *talher*.

Não cortará como a faca, nem espetará como o garfo, nem acarretará os escandalos ás pazadas, como a colher... de sopa.

De applicação agradavel e duração ephemera, o *Palito* poderá ser despresado depois de servido.

Não se offendera por isso.

Elle bem sabe qual é a sorte dos *palitos*, e tambem não ignora que ha de ser sempre preciso... nas occasões.

O *Palito* tem a grande vantagem de ser prestavel a todas as classes; isto é, ás tres classes distintas que ainda hoje, como em todos os tempos, formam as sociedades cultas.



Aos que comem:



Aos que já comeram:



E aos que ainda estão para comer.

E por este lado estamos nós bem; havemos de ter consumidores e freguezes em toda a parte — porque em todas as *comedellas*, tanto nas *mezas* como nos *bancos*, o *Palito* ha de estar presente sempre a cumprir o seu dever de pa-

lito, isto é — escabichando...

Mansamente...

Agradavelmente...

E excellentissimas senhoras... excellentissimos senhores

Ahi vai o Palito!

SÁ D'ALBERGARIA.



A PHILOSOPHIA DO PALITO

OS CRIMINOSOS

Com o crime do Fuencarral sucede o que sucede sempre por occasião dos grandes crimes.

Todos seguem com interesse as peripecias do facto, as meadas da cumplicidade e as averiguações da polícia, dizendo do criminoso:

— É um malvado!

— É um perverso!

Nessas circunstâncias, vou mostrar que por muito perverso e muito malvado que o julguem, um criminoso também pode ser uma santa alma.

Se lhes asseverar, que este retralho de prosa veio a propósito do Fuencarral, minto.

E minto, porque o crime do Fuencarral é que veiu a propósito d'este pedaço de prosa.

Penso há muito tempo que um criminoso nem sempre deixa de ser boa pessoa.

Conforme o lado por que o olhamos.

E há muito tempo também que lhes teria explicado a razão do meu pensamento, se tivesse occasião para isso.

Aconteceu agora dar-se um crime que vem a propósito.

E atendendo à effervescência da curiosidade pública, aproveito o ensejo de transmittir o pensamento supra mencionado.

Para isso supponham que sou...

Que sou um soldado da guarda municipal.



Se eu fosse um soldado da guarda municipal, diria:

O criminoso é preciso.

O criminoso é indispensável.

Preciso do criminoso para o meu sabre, como da carne para o meu estomago.

Sem elle, sempre o meu terço ficaria na inactividade.

Fui feito para prender, e prendo para ter o gosto de carregar as partes.

Eu nasci para os criminosos.

E os criminosos nascem para mim.

Quando não houver crimes, não ha guarda... municipal, e ali vou eu para guarda... portão.

Bem haja aos criminosos que só são maus, quando querem evitar os crimes.

Afinal são melhores do que os pintam!

Isto diria se fosse soldado.



Sem um criminoso morreria de fome.

Motivo porque digo:

— É um santo!

Quasi todos os criminosos conhecem os dez mandamentos da lei de Deus.

Pelo menos, quando não conhecem os dez, sempre conhecem metade, porque observam... os cinco mandamentos.

E se alguns ha mal comportados, são os que não pagam os sellos e custas do processo...

Contudo, eu não sou escrivão.

Mas se fosse noticiarista...



Oh!

Se fosse noticiarista asseverava:

O assassino é util...

E util e agradável...

Porque razão é util?

Porque permite que o meu jornal se ocupe da sua obra.

Por obra d'essa sua obra, consigo eu vender mais dois mil exemplares.

É claro.

Porque razão é agradável?

O público que o demonstre.

Quando no meu jornal se diz, a respeito de uma celebridade artística por exemplo, que —

S. ex. tem os olhos azuis,

S. ex. tem os olhos verdes,

S. ex. tem nariz redondo,

S. ex. tem o nariz chato,

S. ex. é isto,

S. ex. é aquilo,

— o público torce os músculos da face e passa por alto como quem diz:

— Não me agrada.

Quando, pelo contrário, publico os traços physiognomicos do criminoso

que tem as sobrancelhas carregadas,

rugas na testa,

rugas nos olhos,

rugas no nariz,

rugas na boca,

que todo elle emfin é uma ruga,

— o povo gosta, maravilha-se e diz:

— É tal qual um selvagem!

E agrada-lhe.

Razão porque um criminoso é... agradável.



Estou a ver o Mazzantini
Dizendo consigo, a sós:
«A CARIDADE perfeita
Principia... cá por nós.»



Mazzantini, assim vestido,
Em vez de botar figura,
Figurava o «Vira-vira»
E o fadista «Fura-fura».



Ao ver um boi tão matreiro,
Sem lhe importar o agulhão,
Lembrou-me o José Luciano
Em frente da oposição.



Para as reliquias dos 7:500 do Mindello passou
mais uma vez o dia 9 de julho, data de gloria e de
tristeza. Misericórdia em abundância não lhes falta, lou-
vado seja Deus!

Os veteranos, coitaditos,
Tiveram barriga cheia:
Foi uma festa imponente,
Foi grande ideia!

MENU — Almoço: Alvorada;
Jantar: Petiscos sem nome;
A ceia: O hymno da Carta,
E em cima... Fome.

CLAUDIO.

RIGORES DO ESTIO

(INSPIRADOS POR UMA CONSTIPAÇÃO)



Sai todo aperaltado
Todo catita e liró,
Quando d'ali a bocado
Sou pelo vento atacado,
Pelo pó...

E não trago guarda-vento!
E não trago guarda-pó...



Venho todo aprimorado,
Bom chapéu e fina luva,
Quando d'ali a bocado
Por lama sou assaltado,
E por chuva...

E não trago guarda-lama!
E não trago guarda-chuva...



Ou então encasacado,
Mais grave que um Grão-Mogol,
Quando me sinto atacado,
Como por fogo assanhado,
Pelo sol...

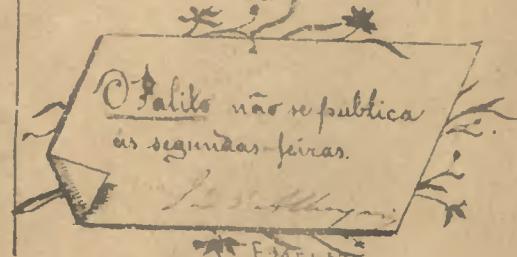
E não trago guarda-fogo!
E não trago guarda-sol...



Fato leve e delicado
Do calor do sol me ponha,
Quando o frio eu dirabro
Passa a roupa,
Vindo enregelar-me as costas...

E não trago guarda-roupa!
E não trago guarda-costas...

MARIARES DA SILVA.



Porém, sendo escrivão de tribunal, acrescentava:

O assassino é um anjo.

É um anjo tanto mais candido e bello, quanto mais
dinheiro possue nos bancos.

É honrado porque me dá o pão de cada dia.

É temente a Deus porque auxilia e protege o seu
semelhante.

O sr. Carlos Lobo d'Avila, em telegramma para o
Reporter, censurou que o público do Porto, n'uma
FESTA DE CARIDADE, manifestasse um tal ou qual
desagrado pelos trabalhos de Mazzantini, o notável
matador e diestro.
Se Mazzantini, pór caridade, se atirou apanhado
com a ridicularia d'um conto e quinhentos mil
réis, com quanto se abotoaria elle, — com mil dia-
bos! — n'um espectáculo que tivesse de lhe ser pa-
go por ajuste?

E ESTREZE

Nestas oficinas executam-se com todo o esmero e nitidez, e sem competencia em preços, todas as obras concernentes tanto á typographia como á lythographia



REDAÇÃO DO PALITO

TYPOGRAPHIA E LYTHOGRAPHIA DO PALITO

66, RUA DA MADEIRA, 70

PORTO



CASA LISBONENSE

Nov odeposito de calçado de Lisboa

DE

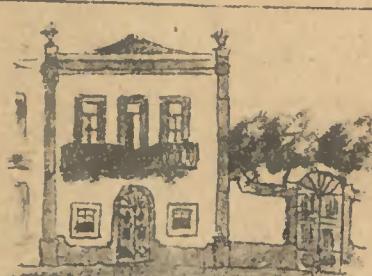
R. GOMES & C.º

231, RUA DO SÁ DA BANDEIRA, 233

(Em frente á casa dos srs. Matos & Serpa Pinto)

(5) Neste estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de calçado de Lisboa, francês e inglez para homem, senhora e creança.

Executa-se calçado por medida e reparações em obra usada.



Casa no logar das Regadas

Proximo ao bonito local do Candal, e não distante do rio, ha uma casa com muitos commodos e acomodações.

Trata-se no Porto, largo do Coronel Pacheco n.º

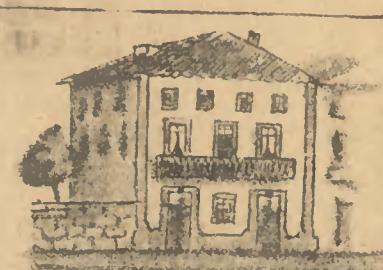
Companhia de Credito e Auxilio Portuense

SOCIEDADE ANONYMA
RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 100.000.000 réis

(6) Na sede d'esta companhia, rua de Sá da Bandeira, 69, 1.º andar, e suas filiaes, travessa do Moirão de vento, 14, ruas de Camões, 73, Almada, 424, Torrinha, 287 e Santo Ildefonso, 29, empresta-se dinheiro a juro modico sobre todo e qualquer objecto que represente valor.

ACREDITAM-SE SUCURSAES N'ESTA CIDADE OU FÓRA. Dão-se as explicações no escritorio da companhia, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, rua do Sá da Bandeira, 69, 1.º andar.



Casa no Candal

(8) Aluga-se uma com excellentes comodos, bella agua e quintal, e magnificas vistas de campo e cidade, na rua que parte da do Monte para as Regadas.

Trata-se no Porto, na praça de Carlos Alberto n.º

44.

BANCO UNIÃO

(1) A principiar em 11 do corrente, e em todas as segundas, quartas e sextas feiras a seguir, das 10 horas da manhã á 1 hora da tarde, paga-se na tesouraria d'este banco, por conta dos lucros do corrente anno, como dividendo relativo ao primeiro semestre, 1 1/2 p. c. ou 1.800 réis por acção, livre de imposto de rendimento.

Os srs. accionistas residentes em Lisboa, Coimbra, Vizeu, Braga e Guimarães poderão receber-o, como é de costume, em casa dos respectivos correspondentes.

Porto, 6 de julho de 1888.

Os directores do Banco União
Francisco Antonio de Lima.
E. Fricke.



ESTABELECIMENTO DE ALFAIADE

(7) Se quereis uma roupa com quatro BB, isto é, boa, bonita, barata e bem feita, hide á rua dos Ingleses, n.º 61, 1.º, fallae com António José da Rocha, e ali encontrareis um bello sortimento de fazendas de todas as estações, tudo quanto constitue, enfim, o mais bello e aprimorado gosto na arte de vestir.

Nova companhia Utilidade Pública

(2) O dividendo d'esta companhia relativo ao primeiro semestre do anno corrente, na razão de 2 1/2 p. c. ou 25.500 réis por acção, principia a pagar-se desde o dia 3 do proximo mes de julho, efectuando-se o pagamento em todas as terças feiras, quintas e sabbados, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde. Os srs. accionistas de Lisboa podem receber o dividendo das suas acções em casa dos correspondentes d'esta companhia, os srs. António da Costa Carvalho & C.º

Porto, 30 de junho de 1888.

O director-secretario
Julio Gomes dos Santos.



Pintor afamado

No centro d'esta paleta
Vês tu, amigo leitor,
Um artista de chupeta,
Um afamado pintor!
Se quer's uma taboleta
Ahi pintada a primor,
Letra branca, letra preta,
Letra mesmo d'outra cõr,
Vae ao SILVA da paleta,
Que é afamado pintor!
NOTE BEM: por um postal,
Bomjardim, Hotel Real.

Banco Portuguez

Sociedade anonyma
de responsabilidade limitada

(3) O dividendo do primeiro semestre d'este anno, na razão de 2 p. c. ou 28.000 réis por acção, paga-se-ha no dia 13 do corrente e seguintes, das 10 á 1 hora da tarde, na thesouraria do banco, nas agencias do costume.

Porto, 7 de julho de 1888.

Os directores

Francisco da Costa Espinheira.
José Maria d'Almeida Outeiro.
Carlos José Alves.